

**PNEU EM CHAMAS**

Jorge de Oliveira

**PNEU EM  
CHAMAS**

2015

## No princípio da terra, deserta e vazia...

**D**eambulando em passada curta e lenta, as figuras errantes trajavam sacos sujos, ostentavam pelugem abundante, pele escurecida, cabeleira rugosa e olhar distante; metade tapadas, metade peladas, desfrutavam a meticulosidade na apanha de resíduos podres.

Viviam transversalmente ignorando a disparatada rotina da espécie. Agachadas sobre a porcaria, não sentiram os cogumelos fumegantes da revolta surgirem a uma velocidade de meteorito.

\*

O Homem vagueara pela vida interrompida todo o dia ensolarado.

Louco nascera e louco permanecera de camisa esfarrapada e desabotoada, com mangas sem botões a roçarem as unhas pretas. As calças, amontoado de trapos oleosos, balançavam. Descalço, despenteado, pau espetado no cabelo, barba encarapinhada qual monte de palha-de-aço, atravessara as barreiras da anormalidade distraído.

Faltando o entulho de trânsito à hora de ponta, não se sentara de pernas abertas a coçar os genitais no semáforo da grande avenida frente ao sortido público a assistir a coceira desinteressada, impulsionada e acelerada pela intensa luz solar a aquecer-lhe o multiplicador de descendentes. Apenas passara o grupinho de mimadas a olharem de esguelha e a rirem-se alto da mangueira descoberta, carnuda e queimada pela exposição. Penduradas num soslaio hipócrita, o descuido denunciara o fim-gimento.

- Chi, como tem bicho grande!

- Vocês! Já viram que todos eles têm um coiso bom?

Ninguém mais admiraria as dimensões reprodutoras anormais. Atravessara a estrada atraído pelo contentor de lixo a abarrotar. Atirara uma pedra contra um vidro despedaçando-o.

- Chegará a lua, os que sugam a terra serão engolidos pelo fumo da borracha queimada!

Ignorados pelos pequenos cabos do governo recauchutado, psiquiatras e serviçais atarantados, a cidade infestara-se de cidadãos iguais ao Homem. Uns empunhando o riso rasgado e apalermado nos dentes encardidos, sem verem nem conhecerem quem quer que fosse, outros atentos ao lixo sem largarem os panos que os descobriam.

Enteado de um país a tornar-se inviável, nação a caminhar para a improbabilidade, lugar do silêncio e terra da cobardia, o povo explicava o psicótico estado do Homem.

- Estudou até ao esgotamento.
- É irmão do ladrão de chagas purulentas, lixou-lhe a cannabis!
- Transou com a mãe...
- O pai sacrificou-o para ter muito dinheiro.
- Apanhou a mulher e o boémio na cama.

Impiedosa, a loucura não lhe dera discernimento para saber os nomes, cores, tribos, amizades e conluios que comandavam o território. Iguais à sua mente absorta, as desatentas autoridades vivendo a clausura mental da corrupção não se sentiam. Vivia a vida devagar, devagarinho e parado. Emprestava o ar da sua maníaca graça à cidade e naquele dia ao cheiro dos pneus a arderem. Malucos, loucos, dementes, apanhados e falhados tinham sido lesados pelo mesmo signo, paralisção.

Esbarrou no chefe dos serviços sociais, cara familiar, amigo e vizinho da longínqua infância. Bateu na boca como se fumasse levando a estrutura ao instantâneo da pergunta.

- Olha, caro compatriota, por que razão não é realizado um estudo que permita sugerir um projecto para depois elaborar-se uma estratégia suportada num plano de actividades com vista a efectuar uma diligência a fim de resgatar-te para um local clinicamente adequado?

- Velhos problemas, velhas soluções! O caos tomará conta disto, não tardará o dia.

- Têm sido desenhadas novas políticas que permitem atacar os problemas de uma forma contundente, ilustre cidadão. Existe um trabalho de acompanhamento dos constrangimentos.

- Para que o povo não desapareça, queimem-se os políticos!

\*

A Mulher não se levantou da maca.

Aos dez anos fugira de casa, habitação precária invadida pelo cemitério. Não suportara os cânticos diários, o ininterrupto cheiro da cannabis florescendo entre as tabuletas que separam os pés juntos, as pessoas arrastando-se com baldes e bidões de água batendo nos joelhos nem a imensidão de campas enchendo-lhe a vista.

Vizinha dos enterrados desde que nascera, ouvia o som da areia a bater no tampo de pinho descendo à morada rectangular, as discussões, as bebedeiras e músicas das barracas abanando o sono eterno e os choros sobrepostos, em competição, das famílias que atropelando-se depositavam, uns colados aos outros, entes queridos e odiados.

Ria-se, saltava montanhas de folhas amareladas, ramos secos, troncos desfeitos nos dentes dos roedores e atirados no piso incerto e esburacado interrompido por placas que nasciam no meio das ruas do funesto depositório. Brincava em covas abertas nas mãos dos ladrões de mortos entrando e saindo de caixões e contemplava os cadáveres despidos por gatunos de roupa ou abandonados por larápios de urnas. Sentava-se a tempo perdido nas campas, devaneando com os bebés enterrados vivos e inspirando o cheiro dos fetos putrefactos largados ao ar livre.

Perdera a perna, passara a comer nos caixotes de lixo e a descansar nos bancos do hospital, nas paragens de autocarros, nos passeios alagados de líquidos nojentos e em ruínas usadas como latrinas.

\*

Com todos os atrasos mentais que se lhe conheciam, mês após mês as dimensões da Mulher escancararam-se, o corpo lixou-se, a mente desnor-teou-se e a alma ausentou-se. O ventre inchou, chegou a engorda denunciando a pança que leva gente dentro.

O telemóvel do chefe dos serviços sociais, cara de bebedor de sangue, anunciara ao superior a novidade gestante sobre a maluca que fumava e comia beatas até se engasgar.

- Bom, meu superior, os nossos companheiros não respeitam as marcas físicas que nos distinguem. Colocaram a aleijada num estado gestacional para reprodução da espécie.

As deficiências no físico e na cabeça tinham facilitado o diálogo sexual penetrativo e uma comunicação sem receptor. Estabelecera-se uma conversa descabida e torta em linhas direitas.

- Uma atrasada prenha? De modo algum tal insignificância me passaria pela cachola! Essa é de morrer a rir. Chefe, identificaram o autor da imprudência?

- Não, mas foi um patricio de juízo no lugar, superior. A nossa conterrânea, resignada, pelo instinto erótico subjugada, gemeu e não se fartou.

- Força de maluco!

Apanhara-a distraída. Para ela, a vida não passava de um sonho. Quando o doce lhe invadiu a carne, deixou-se levar. A cena repetiu-se até que espermatozóide e óvulo se juntaram mostrando ao mundo o resultado da relação faz-de-conta, meio lúcida-meio demente.

Nascera um bebé envolto no cheiro a borracha queimada e no silêncio das ruas vazias e esfaqueadas pelas sirenes de ambulâncias e carros da polícia em correria contra a revolta. Rebento rechonchudo, tossira, engasgara-se e chorara de olhos fechados a chegada ao imenso cenário de dementes. Segurando-o entre guinchos e esperneios a parteira encherara-se de certeza, era uma pequena pessoa com grande saúde.

Sob o clima da luta dos pneus em ebulição, o agente da acção social recolheu-o para um infantário pobre e há muito gasto pelo envelhecimento.

\*

Estarrecido, o cara de bebedor de sangue revia no telemóvel como se dera a conexão da mobilização grevista à estagnação. Não sabia o que fazer enquanto tudo ardia.

- Senhor superior, e se ela se lembra de vez alguma ter gerado uma vida?

- Chefe, em nada interessa a mãe que desmerece o filho. Ignora pá!

- É pessoa tal qual nós, meu dirigente. Tem genes, os órgãos vitais funcionam.

- Não dê importância a isso. Maluco nunca foi gente, filho. Se fosse não comia lixo.

- Excelência, andam pela imundície. Os sistemas digestivo, circulatório e nervoso dançam na mesma. A pernetta até sente fome de sexo.

- Famintos? Meu pupilo, mesmo os espíritos têm necessidades, mas não são humanos. Esquece essas criaturas, não sabem como nem onde se queixar.

- Estes concidadãos, caro superior, significam o início do processo inverso de criação do homem, a primeira fase de regresso ao homo sapiens. O humano está a descriar-se.

- Olha lá, que brincadeira é essa? Já não se pode uma pessoa deitar descansada? Os meus bisnetos voltarão a andar corcundas?

Na família da nova mãe não existira um demente que fosse. A desgraça acontecia nos dias de salário. Ultrapassada a quantidade de cerveja tolerável, seu pai, boémio de voz rouquenha e nariz afiado, aterrava no cemitério num amontoado de capim seco, entulho e lixo fedendo a morte podre. Despido de razão, encharcado de urina e vômito lambia-os com sofreguidão a meio da noite para matar a sede. A filha encontrava-o, sol ao alto sem sombra nem árvore que o tapasse, quando levasse o bicho a pastar no matagal entre campas ou fosse deitar detritos na profundidade dos buracos a ocuparem ruelas invadidas pela desorganização.

- Chefe, a compatriota desconhece o telemóvel. Logo, essa maternidade é de desconsiderar.

- Estamos atentos ao evoluir da situação. Bom, verdade seja dita, meu superior, não recebeu as letras agitantes que andaram por cá esta semana.

- Não leu o que está a acontecer, jamais descobrirá a caixa de mensagens. Conhece o pneu? Não. Fogo, quem é que não conhece esse tipo nesta terra? Vive na sujidade e nos restos.

- Sim, sim, sim, Excelência, vira-se nas latas!

\*

Pela cidade, nas ruas de buracos alcatroados, linhas de telefone e electricidade derrubadas e espezinhadas transmitiam a voz e a energia do

povo oprimido pelos combatentes da história. A viatura da polícia, sirene e pirilampo ao alto, fugia à revisitação da humanidade esquivando-se de uma nova, justa e colorida ordenação de genes. O cheiro da borracha ardente esvoaçava exibindo o teatro das sombras esfomeadas. Novelos de fumo livres e generosos, príncipes dos pobres, banhavam a traiçoeira manhã. Submersa, a pátria reaparecia alumiada pelo amarelo bordado a preto.

Envolta em panos encardidos, rotos e coloridos, cabelo espicaçado, face encanecida, apertou a muleta junto à cabeceira. O parto impôs-lhe uma soneca cheia de pedra mas nem na sepultura teria paz. Longe de si, perto de onde nascera, os mortos enterravam-se sem dignidade. Naquele dia rodeado por pneus fumegantes, ponta da espada contra a cegueira colectiva, o cemitério tornara-se para conhecidos e desconhecidos uma vala comum a perder de vista.

A Mulher vivia errada, o mundo, de coveiros bêbados e ladrões de vestes adornando cadáveres e de vasos e flores ornamentando campas, certo.



# 1

## Mineiro

O mineiro agachou-se, revolveu com as fortes mãos a terra e puxou a ponta amarelada encravada no chão húmido do quintal. O plástico quase transparente cheio de esperma fora atirado pelo boémio de voz rouquenha e nariz afiado que passara rente ao muro. Transportando-o preso pelo polegar e indicador, o amigo da vida desregrada não encontrara uma lata de lixo. Longos e demorados metros após galgar a via esburacada e sem iluminação, aproveitara-se da alvorada e transferira o empecilho para local desconhecido.

Soprou a areia, meteu-o no bolso das calças. Sacudiu os dedos uns nos outros. Contornou a cacimba pintando a árvore de sombra, raspou a sola na parede e entrou na cozinha ainda dormente.

Segundos depois, passos calcando abruptamente o chão na agonia de uma correria sem freios passavam fugindo à privatização da justiça. Arrastavam vozes do tribunal de rancor que sobrepostas e espalhando-se à velocidade do som queriam num só golpe matar e esfolar.

- Bandido, bandido, bandido!
- Vamos queimar esse animal.
- O pulha hoje tem que arder.
- Tragam petróleo, o pneu vai tomar conta desse espertalhão.

\*

Somados os pedaços da vida do mineiro, homem magro, cabelo pintado de preto, obtinha-se um amontoado de recordações, cristalinas umas, turvas outras tantas. Fizesse-se luz da lua ou brilho do sol, os gestos repisados por instinto preenchiavam as tarefas constantes da mulher. Corrigia-lhe o destino às costas moldando a mente e inundando o subconsciente. Ela vivia para o marido, ele na machista condição completava a equação dando sentido à natureza feminina da fêmea.

Habitado ao subterrâneo, aprendera a não esquecer-se da merenda, arroz branco, peixe, alface e uma laranja. Nunca se cansara da monotonia da dieta. Comer barato chegava ao fim do mês, feito inacessível para mui-

tos contrerrâneos. Mudança do menu, acreditava, só quando chovia. E acto contínuo atirava uma incompetência.

- Deves arranjar-me a segunda esposa, desde que seja tenrinha, companheira e trabalhadora. Lonely, não aguentas a home. Preciso de duas, uma completa a outra.

Do sol não se via sinal. Ao longe, o cacarejar das aves enfrentava a baixa temperatura. Casaco em uma mão e tigela plástica em outra despediu-se silencioso. Abraçou-a, nada de beijos.

- Honestly, isso é uma routine do continente do semblante amplo e criaturas envelhecidas. Dizem-se developed só que não respeitam os espíritos.

Vestia calças grossas, camisa às riscas, interior fina e casaco preto. Bastava-lhe água-de-colónia barata, abarrotada num frasco reciclado. Mineiro de corpo, alma e cheiro, o andar mostrava ao vento o homem realizado com a humilde casa, o emprego e a dama que sempre esperava mas jamais pedia. E sentindo-o penetrar, não gritava, não gemia e não se excedia.

\*

Seguiam na segunda metade do ano. A noite roçava o gelado. Ao amanhecer, o frio ligeiro anunciava o fim do inverno. Por volta do meio-dia, o calor chegava à profundidade. Esquisitices atmosféricas do continente pobre e ensolarado, pensou, iguais aos seis meses de inverno e seis de verão.

Deserta, a estrada escondia-se por baixo da água estagnada. Tornou o corpo leve e elevando-o como se fugisse a brasas de borracha em ebulição atravessou a ponteca feita de pneus recauchutados pisando-os sucessivamente. Apanhou o primeiro autocarro, o nome inscrito no vidro de trás apresentava-o, **Ganha Tempo**. Homens silenciosos enfrentavam a fatalidade de acordar quando a barreira de fumo de água não deixava distinguir um metro à frente.

Enquanto o autocarro deslizava, passavam as lojas, estampado em letras brancas, de uma extremidade à outra do vidro escondido pela grade cinzenta, **Azgba Acessórios Auto - Óleo para motor e filtros, Lubrificantes Diesel/Gasolina**; por cima da porta de chapa preta, em letras

vermelhas num fundo azul-escuro e, desenhados por uma mão insegura, logótipos de marcas de automóveis, *Auto Orji - Peças para todas viaturas*; numa chapa branca com letras verdes e pretas, debaixo de um prédio baixo, *Tedy Fashion – Produtos de Cabeleireiro*; na parede amarela por cima do vidro, letras brancas e símbolo preto, *Nmachi Salão unisexo* e uma embalagem de creme, outra de gel para o cabelo, um pente e uma cabeça de mulher com longas tranças. Com o comércio adormecido apenas se mostravam os guardas, um por cada montra, e os manequins femininos por entre as grades.

O único visível era o cobrador, mal criado que no início da manhã já tresandava a álcool, corolário do estilo guiado pela mistela ácida e azeda composta de etanol e uma mistura química tóxica reprovada no laboratório de controlo de qualidade e na entidade sanitária. A coceira insistente nas nádegas e testículos, as feridas vermelhas e esbranquiçadas nos punhos, pés e entre os dedos, denunciavam a dilacerante hemorróida e a dermatose contagiosa e parasitária que nele habitavam há largos meses.

Coçava, recebia o dinheiro, coçava, entregava o troco. Arrancava as crostas com as moedas, chupava-as e cuspiam-as para a estrada.

\*

Reportaram-se intoxicações, perdas definitivas de consciência e corpos sem vida. Figuras borradas, lamacentas e desfeitas pelas mixórdias não se tinham desamarrado do vício. Os passageiros engoliam os disparates adoptados na informalidade das profissões. O cobrador justificara o olhar vago e os maus costumes nele criados pelos carrascos da pequena politiquice.

- John, um gajo tem que estar sempre pedrado para enfrentar a paulada, sacar garinas, gerir carteiristas e ser mafioso. Pôrra, é essa batida, meu!

Questionaram os viajantes. Se a iniciar o dia já expelia aquele bafo, como seria ao anoitecer depois da humidade e transpiração subirem? Como estaria após cheiros e cheiros, olhares e olhares, apertos, encostos, amassos, discussões e mau hálito em crescendo? Com a infra-estrutura cerebral danificada, o cobrador refileira em tom álcool-dependente.